

A RESPONSABILIDADE DO DOCENTE DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DE EDUCANDOS CRÍTICOS E REFLEXIVOS: SABERES E FALAS COMO CAMPO INVESTIGATIVO.

THE PAPER OF THE GEOGRAPHY TEACHER IN THE FORMATION OF CRITICAL AND REFLECTIVE EDUCATION: KNOWLEDGE AND SPEECH AS AN INVESTIGATIVE FIELD.

17

Maicon Lemos Sathler

Mestre em Geografia – Universidade Federal do Espírito Santo
Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá .
maicon.sathler@ifap.edu.br

Elvis Reis de Oliveira

Mestre em Geografia – Universidade Federal do Espírito Santo
Professor da rede municipal da cidade de Serra – ES
elvisgeoufes@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa teve como base de investigação as narrativas de professores de Geografia das séries finais do Ensino Fundamental que atuam em escolas públicas do Estado do Espírito Santo. Para realização das análises foi realizada uma categorização das falas dos professores entrevistados. Essa categorização foi feita com base em três aspectos: a) A perspectiva de Geografia Escolar; b) Corrente do Pensamento Geográfico assumida pelos docentes e; c) Os conceitos e princípios considerados centrais em seu processo de ensinar a ciência geográfica. Os referenciais teóricos basearam-se, principalmente, nas obras de Paulo Freire; Milton Santos e Valdir Nogueira. Os dados coletados foram sistematizados e analisados relevando as relações de conflitos existentes entre as falas e as práticas dos professores de Geografia nas escolas em questão. Constatou-se também, uma relação contraditória entre os saberes e as práticas dos docentes e, ao mesmo tempo, possibilidades de transgressão.

Palavras-chave: Geografia Escolar. Conhecimento Geográfico. Saberes e Práticas

Abstract

The present research was based on the narratives of Geography teachers from the final grades of Elementary Education who work in public schools in the State of Espírito Santo. To carry out the analyzes, a categorization of the speeches of the interviewed teachers was carried out. This categorization was based on three aspects: a) The perspective of School Geography; b) Geographic current of thought assumed by teachers and; c) The concepts and principles considered central in the process of teaching geographic sciences. The theoretical references were based mainly on the works of Paulo Freire; Milton Santos and Valdir Nogueira. The collected data were systematized and analyzed, revealing the conflict relations existing between the speeches and the practices of Geography teachers in the schools in question. There was also a contradictory relationship between the knowledge and practices of teachers and, at the same time, possibilities of transgression.

Keywords: *School Geography. Geographic Knowledge. Knowledge and Practices*

INTRODUÇÃO

Objetivando refletir e analisar como se relacionam os saberes dos professores de Geografia dos anos finais do Ensino Fundamental, com sua prática pedagógica no ambiente escolar, este estudo insere-se no campo de pesquisa que investiga os saberes na educação escolar, focando-se no ensino da geografia.

A pesquisa sobre a geografia escolar é de fundamental importância, pois permite a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem do saber geográfico, bem como os aspectos relacionados a formação de um indivíduo crítico e reflexivo. Os trabalhos envoltos dessa perspectiva permitem tornar mais claro os pressupostos teóricos metodológicos que orientem a prática dos professores em sua sala de aula. Nesse sentido, os saberes docentes são considerados a partir da educação geográfica, pois tal perspectiva de ensino da Geografia busca significar os conteúdos da geografia escolar, permitindo aos educandos a compreensão do mundo atual por meio das suas diversas dimensões (seja ela social, espacial, ambiental e política). Portanto, a educação geográfica é nesse trabalho um parâmetro para análise dos saberes docentes e, conseqüentemente, de suas práticas no ambiente da sala de aula.

É importante destacar as condições colocadas pelo atual momento histórico, ou seja, do espaço globalizado, em que os interesses econômicos, acabam se sobrepondo aos interesses locais. Dessa maneira, torna-se imperativo no processo de ensino-aprendizagem da Geografia a necessidade de formar nos educandos a consciência espacial, ou seja, a compreensão da espacialidade de suas existências (SILVEIRA, 2006; CALLAI, 2001; 2011; 2012). O entendimento das organizações espaciais que constituem o lugar em que os educandos estão inseridos é um dos princípios norteadores da geografia escolar.

Dessa forma, ao analisarmos as narrativas de professores de Geografia da educação básica, tivemos o intuito de investigar a construção da consciência espacial e cidadã dos seus discentes. O interesse por essa temática surgiu a partir de indagações e inquietações referentes a forma como o professor estrutura e aborda os conteúdos geográficos, com a finalidade de colaborar e auxiliar na formação dessa consciência espacial.

MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente foi realizada revisão bibliográfica sobre a temática de estudo. Após a leitura e discussão sobre o tema ao qual se destina a pesquisa, foi realizado a delimitação do campo de

estudo. A escolha do município onde sucedeu o campo foi baseada principalmente na leitura e análise das diretrizes curriculares dos municípios, tendo como referência a perspectiva da educação geográfica. Desta forma, o presente estudo teve como base para investigação as narrativas de duas professoras de Geografia que lecionam para as séries finais do Ensino Fundamental e que atuam em escolas públicas do Estado do Espírito Santo, em especial, o campo do presente estudo foi realizado na EMEF Julite Miranda Freitas localizada no município de Serra - Espírito Santo e na EMEF Valdici Alves Baier localizada no município de Cariacica – Espírito Santo na qual foram observadas nove (09) aulas in loco, sendo três (03) aulas na EMEF Julite Freitas, onde duas (02) aulas aconteceram em turmas do oitavo (8º) ano e uma aula com uma turma do nono (9º) ano; e seis (06) aulas na EMEF Valdici Alves Baier, onde duas (02) aulas foram com turmas de oitavo (8º) e quatro (04) aulas com turmas de nono ano (9º).

As análises foram realizadas levando em consideração – a Educação Geográfica e a formação da consciência espacial cidadã.

Para tal investigação foi escolhida a análise qualitativa, que se mostrou mais interessante devido aos métodos utilizados para o recolhimento dos dados (observação das aulas, aplicação de questionário e realização de entrevista semiestruturada). Além disso, as discussões foram alicerçadas com base na bibliografia previamente estudada.

Com relação à análise qualitativa adotada, ressalta-se que “o sujeito observador faz parte do conhecimento de fenômenos, atribuindo-lhes um significado; sendo assim, o objeto não é neutro, possui significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações” (GRUBITS; DARRAUT-HARRIS, 2004, p.110).

Para realização das análises foi realizada a categorização das falas das professoras entrevistadas. Essa categorização se deu sobre três aspectos: a) Perspectiva de Geografia Escolar das professoras; b) Corrente do Pensamento Geográfico assumida pelas professoras e; c) Os conceitos e princípios considerados centrais pelas professoras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Geografia Escolar

A partir dos dados recolhidos durante a pesquisa de campo, foi possível identificar a compreensão de Geografia Escolar por das professoras entrevistadas. O primeiro ponto destacado pelas professoras, sugere a relação existente entre Escola e Mundo, Escola e Sociedade, Escola e Realidade.

A escola, na verdade, é uma reprodução de nossa sociedade. O que a gente passa lá fora, acaba se passando na escola também. Isso é dinâmico. Você tem essa realidade lá fora e aqui dentro, nós, professores, não podemos fugir disso, não podemos ignorar a realidade que a gente tem no Brasil e tentar isso no trabalho que a gente faz (Prof. A - Entrevista realizada no dia 05/08/2019).

Freire (2013) comenta essa relação entre sociedade e escola, sociedade e educação, quando mostra como se dá a produção do par Opressor-Oprimido através da educação bancária, que é, também, expressão de uma sociedade dividida nos mesmos termos.

Essas citações nos mostram o quadro de vida em que a escola está inserida: uma sociedade desigual, dividida em classes; e como essas relações penetram na vida cotidiana da escola. A escola também reproduz esse contexto de sociedade desigual. Outro ponto importante indicado na fala da professora, é que essa relação é dinâmica e contraditória, ou seja, não é mecânica, determinista.

Pensando dialeticamente, a escola e a educação podem ser lócus de resistência e transformação, como ensina o próprio Freire (2013), através da concepção de uma educação libertadora. Isso vai ao encontro do tema deste trabalho, qual seja a formação da consciência que é também espacial-cidadã, que a Educação Geográfica ajuda a explicar. Conforme Callai (2011), o conhecimento a respeito do mundo por meio da geografia permite entender a lógica na qual estamos inseridos.

[...] a importância de ensinar geografia, deve ser pela possibilidade que a disciplina traz em seu conteúdo que é discutir questões do mundo da vida. Para ir além de um simples ensinar, a educação geográfica considera importante conhecer o mundo e obter e organizar os conhecimentos para entender a lógica do que acontece (CALLAI, 2011, p. 131).

Dentro desse contexto, a compreensão de Geografia Escolar, pelas docentes entrevistadas nos indica que “a Geografia é uma disciplina que ajuda o educando entender o espaço, o espaço em que ele vive, o espaço geográfico, as questões sociais” (Prof. B – Entrevista realizada em 15/09/2019). Ou seja, o ensino da geografia não pode estar desvinculado do contexto no qual o aluno esteja inserido. A Geografia, como disciplina escolar possibilitaria ao educando compreender uma das dimensões da realidade, qual seja, o espaço geográfico e, mais especificamente, o espaço de sua existência. Isso fica, também, evidente numa das falas das professoras “Os referenciais [...] normalmente são os noticiários de jornais, a imprensa falada e a imprensa escrita, eu acho importante o livro didático e o conhecimento que o aluno já traz

consigo” (Prof. B – Entrevista realizada em 15/09/2019).

De forma mais direta, a Geografia seria a disciplina que permitiria ao educando compreender como as relações sociais se manifestam no espaço geográfico, ou melhor, permitiria ao educando entender a realidade social e como está inserido nesse contexto, a partir do lugar onde vive. Um outro ponto que pode ser destacado nas verbalizações das professoras aquilo que, Nogueira e Carneiro (2009), chama de uma concepção relacional.

[...] precisamos saber onde estamos. Por exemplo no [...] sétimo ano localizo [o educando] no Brasil e avanço pro mundo, e assim por diante. [...] aí ele sempre vai ter aquela ideia, de dimensionamento, do local para o global que muitos autores mencionam. Então de Cariacica, vai para Espírito Santo, Brasil [e mundo] (Prof. A – Entrevista realizada em 05/08/2019).

Percebe-se, a preocupação em relacionar os aspectos que ocorrerem na escala local, próximo da realidade do educando, com as problemáticas e situações que originam-se, por exemplo, na escala global. Nesse contexto, segundo Cavalcanti (2011):

Na Geografia, pode-se inserir esse debate da relevância de conteúdos na orientação de se trabalhar com o local e o global ao mesmo tempo. [...] a realidade social hoje é marcada pelo processo de globalização, e nesse processo encontra-se um elemento contraditório e interdependente, que é a reafirmação de culturas, de espacialidades, de experiências locais. A Geografia é uma ciência que estuda o espaço, na sua manifestação global e nas singulares. Sendo assim, os conteúdos geográficos precisam ser ‘apresentados’ para serem trabalhados pelos alunos nessa dupla inserção: a global e a local (CAVALCANTI, 2011, p. 75).

De forma sintética, encontramos os seguintes elementos na concepção de Geografia Escolar exposta pelas docentes: a) a existência de uma relação dinâmica, até mesmo dialética, entre contexto social e escolar; b) a Geografia seria a disciplina que permitiria ao educando compreender seu lugar nesse contexto social; e c) uma visão relacional, no sentido que relacionam a realidade do educando em seus diversos níveis, isto é, do local-global, global-local.

A partir do exposto, identificamos certa aproximação entre a concepção de Geografia Escolar apresentada pelas docentes entrevistadas e aquela defendida pelo presente trabalho, qual seja, uma Geografia Escolar que é Educação Geográfica, ou seja, aquela Geografia Escolar que tem como intencionalidade a formação da consciência espacial-cidadã (NOGUEIRA; CARNEIRO, 2009; CALLAI, 1999).

Alguns questionamentos surgiram no decorrer das análises. Entre elas, pode-se destacar: poderia tal concepção de Geografia Escolar apresentada nas verbalizações das entrevistadas ser

qualificada como Educação Geográfica? Que concepção de Geografia, no sentido de corrente geográfica, as professoras assumem? Será que tal concepção de Geografia corresponde a essa forma de ver a Geografia Escolar? A próxima seção apresenta alguns apontamentos importantes para a discussão de tais questionamentos.

Corrente do pensamento geográfico

Com os materiais e dados recolhidos durante a breve pesquisa de campo, foi possível perceber alguns indícios, pistas, que pudessem identificar, também, a corrente do pensamento geográfico que orienta as práticas das professoras observadas. Faz-se necessário expor, mesmo que de forma sucinta a respeito das correntes do pensamento geográfico e dos paradigmas da Geografia. De acordo com Santos (2008):

[...] a noção de paradigma tem sido utilizada segundo diferentes critérios e acepções, todos mais ou menos conducentes a considerá-lo como um guia para a elaboração de conceitos, teorias e modelos. Fala-se, frequentemente, de um paradigma como expressando uma concepção teórica (SANTOS, 2008, p. 195).

Um dos paradigmas da ciência geográfica está relacionado a definição de seu objeto de estudo. A partir desse entendimento do que seja o objeto da Geografia, o paradigma exige, também, a elaboração de conceitos e modelos correspondentes a essa concepção do objeto. Vê-se, assim, um imbricamento, entre objeto e conceitos. Mais tarde, Santos (2009, p. 21) falaria de um sistema de conceitos. Em suas palavras: “Os conceitos [...] destacados devem, por definição, ser internos ao objeto correspondente [...] e ao mesmo tempo constitutivos e operacionais”. Assim, tornou-se necessário, para o presente trabalho, entender qual a concepção de Geografia das professoras entrevistadas. É a partir de tal concepção que surgem, os conceitos analíticos correspondentes e, no caso do presente estudo, tais conceitos ligam-se, também, a própria prática.

As professoras, ao apresentarem a perspectiva de Geografia que adotam, começam com a relação mais geral e mais presente na história moderna da disciplina. De acordo com seus relatos:

O que é a Geografia? Descrição da Terra. Mas essa descrição não é só descrever a Terra, olhar a Terra e representar num mapa, mas você ter a noção espacial. E a junção desse espacial, do espaço físico com o humano, [isso] é o espaço geográfico (Prof. A – Entrevista realizada em 05/08/2019).

Pontuamos alguns elementos importantes nesta citação, onde uma das professoras define

sua concepção de Geografia. O primeiro ponto é a diferenciação, feita pela professora, entre descrição e explicação. A Geografia, então, não seria apenas uma descrição do que existe na superfície da Terra; seria, também, uma explicação, uma teoria que daria sentido às coisas que vemos por meio da paisagem geográfica.

Milton Santos (2008, p. 93-94), na primeira parte do livro intitulado “A crítica da Geografia”, nos mostra os limites de uma Geografia voltada somente para a descrição. De acordo com o geógrafo, “[...] a simples apreensão da coisa, por seu aspecto ou sua estrutura externa, nos dá o objeto em si mesmo, o que ele apresenta, mas não o que ele representa”. Ou seja, a descrição somente nos permite apreender o significado, o papel social dos objetos geográficos, aqueles perceptíveis na paisagem.

Esse mesmo geógrafo, mais tarde, escreve que o “que deve estar no alicerce da descrição é a vontade de explicação, que supõe a existência prévia de um sistema” (SANTOS, 2009, p. 18). Assim, o que permitiria passar do nível da descrição para o nível da explicação seria um sistema de conceitos, ou seja, novamente, a presença do paradigma.

O segundo ponto diz respeito à relação homem meio, homem-natureza. De acordo com a noção apresentada pela docente entrevistada, o espaço geográfico seria o resultado, produto da relação homem e meio, o social e o físico, o social e a materialidade.

Esse é um debate central para a Geografia. Por toda a história do pensamento geográfico moderno, a relação homem meio esteve presente no cerne das questões geográficas (MORAES, 2010). Ou seja, em cada paradigma ou corrente do pensamento geográfico, essa relação foi destacada, mas, cada uma apresentou uma explicação diferente. Ratificando a afirmação exposta, em uma das verbalizações da professora B, inferimos raciocínio semelhante.

Eu acho que primeiro de tudo ele [educando] tem que saber o que é Geografia, sabendo o que é geografia ele vai saber discernir a condição física do lugar e entendendo a condição física ele consegue [...] elaborar o contexto econômico, por que a condição física impõe à econômica [...] (Prof. B – Entrevista realizada em 15/09/2019).

O raciocínio geográfico da professora passa pelo que ela denomina de “condição física”, que podemos entender como o meio ou a materialidade, e o que ela chama de “contexto econômico”, que podemos entender como atividades humanas, ou seja, as ações humanas, o social. Mas, o que chama atenção para essa última fala, em relação à fala da professora A, é a ênfase dada à materialidade, isto é, a condição física se impõe à condição econômica. Essa afirmação da professora pode dar margem para várias interpretações. Por enquanto, o que irá ser destacado é o papel das formas geográficas. Isso, de acordo com muitos autores da ciência

geográfica – e seria importante chamar atenção para a elaboração de Milton Santos e o papel do geógrafo, ou seja, mostrar que as formas geográficas, a materialidade, têm um papel essencial para o processo social.

Nas palavras de Santos (2008, p. 165), não “se pode negar a tendência que tem a organização do espaço de fazer com que se reproduzam suas principais linhas de força”. E, quando diz que as “formas naturais e as formas artificiais são virtualidades [...] cuja presença no processo de trabalho é importante”. Porém, como estamos tratando de Geografia Escolar, seria importante identificar, através das falas das professoras observadas, de que meio, isto é, de que materialidade estão falando. Mas, também, é necessário identificar o que as professoras observadas entendem por sociedade. É a partir desses entendimentos, ou seja, o que as professoras entendem por meio geográfico, a materialidade, e o que entendem por sociedade, que se poderá indicar a corrente do pensamento geográfico de que participam. A partir desses elementos, poderemos identificar a corrente do pensamento que fundamenta o raciocínio geográfico e as práticas das docentes. Uma das falas da professora A nos parece ser bastante clara em relação a esse debate:

[...] acho importantes os conceitos de clima, relevo, vegetação, hidrografia, [...] sempre trabalho primeiro essa parte física. O relevo determinando muitas vezes a ocupação do território, clima na questão de determinar também a ocupação do território e influenciar na paisagem. Por exemplo, no EUA, na parte mais fria não tem muita ocupação do território, isso dá pro educando perceber e fazer a relação. O clima e o relevo determinam muito a ocupação do território. A hidrografia é importante porque a água é usada para agricultura, abastecimento das casas e a população geralmente fica próxima dos rios, o rio é fundamental (Prof. A – Entrevista realizada em 05/08/2019).

A docente entende o meio físico, a materialidade, como “natureza natural”, ou seja, aquela relação, entre homem e o meio, na verdade é uma relação entre uma natureza “natural” que se impõe a uma sociedade que se adapta. Nesse contexto, podemos entender a fala da professora B, quando diz que o “educando tem que conhecer a condição física e daí ele consegue imaginar a condição econômica”. É preciso, ainda que de maneira breve, realizar uma pequena síntese a respeito da corrente do pensamento geográfico que se configura a partir das falas das professoras.

De acordo com, Moraes (2010, p. 35), muitos autores da Geografia definem essa disciplina como aquela que estuda as “relações entre o homem e o meio, ou, posto de outra forma, entre a sociedade e a natureza”. Como indicado anteriormente, essa citação vai ao encontro das falas das docentes observadas. E continua dizendo que alguns autores apreendem essa relação como “as influências da natureza sobre o desenvolvimento da humanidade”. À Geografia caberia então “explicar as formas e os mecanismos pelos quais esta ação [da natureza] se manifesta. Desta

forma, o homem é posto como um elemento passivo”.

Essa concepção de Geografia é qualificada por, Moraes (2010), como Geografia Tradicional. Assim, a partir das falas das professoras anteriormente citadas, destaca-se mais:

[...] eu tenho preferência por alguns autores que seguem determinada linha. Eu sou um pouco tradicionalista, Geografia Tradicional. Eu acabo adotando livros que tenham essa linha, por causa da questão conceitual, da esquematização do conteúdo, da sequência que traz (Prof. A – Entrevista realizada em 05/08/2019).

Aqui, fica evidente o posicionamento da docente em relação às correntes do pensamento geográfico, embora deva-se relativizar um pouco esta fala da professora A, já que as esquematizações e sequência dos conteúdos nos livros didáticos, não podem ser consideradas, de imediato, um indício de perspectiva teórico-metodológica mais tradicional de seu(s) autor(es). Pode tratar-se de uma necessidade didático-pedagógica de adequação dos conteúdos geográficos, para fins de uma satisfatória aprendizagem discente. Seguindo a mesma linha de raciocínio, uma outra fala (já citada anteriormente) fica explicitamente entendida: Prof. B “[...] a condição física impõe à econômica”.

A partir do exposto, pode-se identificar algumas semelhanças entre os paradigmas denominados aqui de Geografia Tradicional e a concepção de Geografia expostas a partir das falas das docentes entrevistadas. Destacamos a primeira contradição encontrada durante a pesquisa: contradição entre a concepção de Geografia Escolar e Corrente do Pensamento Geográfico de que as professoras participam. Pode-se perceber, no tópico referente à análise da concepção de Geografia Escolar das professoras, que ela se aproxima da perspectiva da Educação Geográfica (CALLAI, 1999), ou seja, uma Geografia Escolar que tem como finalidade a formação da Consciência Espacial cidadã. Um questionamento surge, então: poderia uma Geografia Tradicional atingir tal finalidade?

É a partir da crítica à Geografia Tradicional que Santos (2008) realiza que poderemos enfrentar tal questionamento. Para o geógrafo brasileiro, a origem do que seria a Geografia Tradicional, tanto a “determinista” quanto a “possibilista”, estaria vinculada a expansão do capitalismo ao redor do planeta. Dentro desse processo, onde o espaço e a sociedade dos países periféricos foram reorganizados a partir das necessidades dos países imperialistas, a geografia teve como meta “esconder o papel do Estado” e “das classes na organização da sociedade e do espaço” (p. 31). A Geografia Tradicional nasce colonial e comprometida com esses interesses hegemônicos. Não será essa permanência dessa Geografia nas escolas uma forma de “colonização” e de reafirmação das significações atribuídas ao atual processo de Globalização?

Com o que foi demonstrado até o momento, pode-se afirmar que alguns dos posicionamentos assumidos pelas docentes entrevistadas se aproximam mais da Geografia Tradicional. Tal afirmação pode ser fundamentada a partir dos seguintes elementos destacados: a) relação homem meio; b) quando se fala do homem, não se fala em sociedade, isto é, em relações sociais; c) a consideração da existência de uma natureza “natural”; d) o papel determinante da natureza sobre o homem.

A partir do exposto, repetimos os questionamentos: uma Geografia Escolar, baseada numa Geografia Tradicional – nascida colonizadora e ideológica e que não explica mais o mundo – poderia possibilitar a formação de uma consciência espacial cidadã no sentido proposto pela Educação Geográfica? A resposta pode vir através de uma outra pergunta: como ser consciente do mundo e do seu espaço de vida com um conhecimento “distorcido” da realidade?

Conceitos e princípios da Geografia

Os conceitos seriam os instrumentos analíticos que permitiriam a operacionalização das concepções de Educação, Geografia Escolar e de Geografia expostas pelas professoras observadas e descritas anteriormente. Assim, cabe ressaltar, quais os conceitos considerados principais para auxiliar no entendimento da consciência espacial cidadã pelos docentes entrevistados. São esses conceitos que irão balizar os seus saberes e as práticas pedagógicas. Resgatando um dos relatos da professora A, observamos essa perspectiva.

Conceito de espaço, de território... conceitos da geografia humana, população, economia... Tem alguns autores que trazem alguns conceitos, que seriam espaço, de Estado, de Nação, de território... Esses daí seriam os conceitos fundamentais da Geografia [...]. Também acho importantes os conceitos de clima, relevo, vegetação, hidrografia. [Em] todas as séries eu sempre trabalho primeiro essa parte física (Prof. A – Entrevista realizada em 05/08/2019).

Dentro do que seria esse sistema de conceitos que fazem parte do arcabouço epistemológico da professora citada, podemos destacar alguns pontos. O primeiro ponto é, novamente, a separação entre o que seriam os “conceitos de geografia física” e os “conceitos de geografia humana”. Entre os primeiros estariam, de acordo com a professora clima, vegetação, relevo, hidrografia; e, entre os segundos, espaço, território, população, economia, Estado-Nação.

Infelizmente, no momento da entrevista, não se atentou para a necessidade de perguntar à professora o porquê de trabalhar primeiro sempre os conceitos físicos. Assim, baseados neste posicionamento, e no que já foi analisado anteriormente, conclui-se que o risco da dicotomia

físico/humano, determinismo/possibilíssimo nas práticas pedagógicas de ambas, é significativo.

Uma outra característica fundamental apresentada nos relatos das professoras é a importância dada ao “lugar do educando”, isto é, as professoras apresentam, em suas falas, uma preocupação em partir da realidade do educando. De acordo com a professora:

O espaço geográfico é importante porque [é] o espaço [onde o educando] está inserido, ele tem que ter essa noção do espaço em que ele vive. Território é [...] para ele entender que ele faz parte de um país que tem um território. No caso do Brasil ele saber que está num território, ele também é dono, porque têm nações que não têm essa possibilidade, e a própria organização do espaço mundial, do território dos Estados-nações. Conceito [...] de população, é importante porque ele faz parte dessa população ele está inserido na população de um estado, país... noções de taxa de natalidade, mortalidade e outros, são importantes para entender as diferenças entre os países, a própria ocupação, porque uns países são mais populosos e têm controle de natalidade (Prof. A – Entrevista realizada em 05/08/2019).

Os conceitos de que as professoras observadas se servem partem de uma corrente do pensamento geográfico, mas são requalificados, nas intencionalidades educacionais, com o destaque dado à realidade do educando. Mistura-se o que, na verdade, é inseparável, isto é, ciência e vida. De acordo com, Castrogiovanni (2006, p. 13), é “urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses”.

Aqui seria importante destacar dois elementos conceituais que surgem da concepção de Geografia exposta na seção anterior: a fala da professora demonstrou-se que, quando mencionou espaço, estava falando de uma localização “física”; quando falava de homem, se referia à população, nunca de relações sociais. Essa é uma característica destacada por Moraes (2010) quando trata da Geografia Tradicional. Começa-se a desenhar a segunda contradição: fala-se de ciência e vida, mas de uma vida conceitualmente frouxa, ou melhor, conceitualmente “fora da vida”.

Tratando de um dos grandes temas da Geografia, a relação campo e cidade, as professoras puderam expor uma outra característica de seus saberes, qual seja, o papel da dinâmica, isto é, do movimento, da transformação. De acordo com a fala da professora:

O conceito de urbano rural também é importante [...]. Por exemplo no sétimo ano, temos que falar nisso porque o Brasil era um país agrário, e que no decorrer de seu desenvolvimento, se tornou urbano. O educando tem que perceber essas diferenças, ele precisa valorizar o campo, ter consciência que o feijão que ele come vem do campo. O campo abastece a cidade, que é onde esse educando geralmente vive (Prof. B – Entrevista realizada em 15/09/2019).

Pode-se destacar dois pontos a partir da fala citada. O primeiro ponto seria que os conceitos da ciência geográfica, para as professoras observadas, seriam dinâmicos, são transformados com o passar do tempo. Isso pode ser verificado na fala, quando a professora destaca o caso do Brasil, que se transformou, de um país agrário, para um país onde a população é predominantemente urbana.

O segundo ponto seria que a relação entre os temas e conceitos também deve atingir o próprio comportamento dos educandos. No caso citado, o educando deveria entender que o alimento que ele consome, apesar de não fazer parte de seu espaço de vida, isto é, vir de um lugar distante, se faz presente em seu cotidiano. Assim, “ele precisa valorizar o campo” apesar de morar na cidade.

Pode-se, então, dizer que os conceitos indicados pelas professoras “seguem a ideia de se conceber a espacialidade geográfica em movimento – como dinâmica espacial” (NOGUEIRA e CARNEIRO, 2009, p. 240). Ou seja, tais “conceitos e princípios são postos na perspectiva das dinâmicas espaciais, ou seja, nas inter-relações e mudanças, que se dão nos fatos e fenômenos geográficos” (NOGUEIRA e CARNEIRO, 2009, p. 239).

É preciso, agora, destacar a segunda contradição encontrada durante as pesquisas, qual seja, a contradição entre os conceitos principais elencados pelas docentes e suas intencionalidades. Isto é, vimos que os conceitos enumerados pelas professoras partem de uma determinada concepção de Geografia, a Geografia Tradicional, e vimos quais são os limites dessa perspectiva para a finalidade da presente pesquisa – formação da consciência espacial cidadã. Porém, as professoras apresentam, como objetivo desses conceitos, situarem o educando no mundo, isto é, fazer com que o educando perceba o que é a realidade a partir de sua situação. Ou seja, existe uma preocupação, por parte das professoras, que os conceitos tenham um papel crítico, repercutam nos posicionamentos e atitudes dos educandos.

Surgem, a partir dessa situação paradoxal, outros questionamentos: tendo como intencionalidade a formação de uma consciência crítica, serão os instrumentos conceituais utilizados os mais eficazes? A utilização de tais conceitos não teria, como consequência, a distorção da prática?

PARA NÃO CONCLUIR

Após as análises dos saberes apresentados por meio de narrativas, chegou-se a uma resposta que merece uma reflexão: as relações entre saberes e o cotidiano escolar são

contraditórias.

Seria isso um problema? Ser contraditório é um problema? Seguindo a perspectiva dialética, vê-se que as contradições são inerentes à existência humana e, como foi demonstrado, é a própria relação contraditória – então, dialética – que possibilita a novidade.

A partir dos indícios apresentados nesse trabalho, dois pontos precisam ser destacados. Primeiro, fica evidente a necessidade de uma crítica dos saberes que por consequência acaba por refletir nas práticas que acontecem no dia a dia da escola, já que, considerando a forma como os conceitos vêm sendo trabalhados, eles pouco contribuem para o processo de constituição de uma consciência crítica acerca do Espaço Geográfico e do Lugar.

O entendimento sobre o processo dinâmico nas sociedades, da qual todos os sujeitos coparticipam solidariamente, mesmo sem a consciência disso, são fundamentais para um convívio social com sujeitos que exercem sua cidadania. Esses conceitos, contudo, são pouco referenciados nas aulas, o que dificulta à Geografia alcançar seu objetivo que se expresse além do confinamento da escola, servindo apenas como um instrumento burocrático dos sistemas escolares.

REFERÊNCIAS

- Callai, H. C. (2012). Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. (10a. Ed). Porto Alegre: Meditação.
- Callai, H. C. (2001). A Geografia e a Escola: muda a Geografia? Muda o ensino? *Terra Livre*, São Paulo, (16), p. 133-152.
- Callai, H. C. (2011). A Geografia escolar e os conteúdos da Geografia. *Anekumene*, (1), p. 128-139.
- Callai, H. C. (1999). O estudo do lugar como processo de pesquisa para a aprendizagem. *Espaços da Escola*, Ijuí-RS, (31), p. 43-52.
- Castrogiovanni, A. C. (2006). *Ensino de geografia: práticas e reflexões no cotidiano*. (2a. Ed). Porto Alegre: Mediação.
- Cavalcanti, L. S. (2011). Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: Castellar, S. (Org.) *Educação Geográfica: teorias e práticas docentes*. (3a ed). São Paulo: Contexto, p. 66-78.
- Freire, P. (2013). *Pedagogia do oprimido*. (54a. Ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Grubits, S. & Darrault-Harris, I. (2004). Método qualitativo: um importante caminho no aprofundamento das investigações. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (org.). *Método*

qualitativo: epidemiologia, complementaridades e campos de aplicação. São Paulo, SP: Vetor, p. 15- 27.

Moraes, A.C.R. (2010). *Geografia: pequena história crítica*. (21a. ed.) São Paulo: Annablume, (1), 152p .

Nogueira, V. & Carneiro, S. M. M. (2009). Educação Geográfica e Formação da Consciência Espacial-cidadã no Ensino Fundamental: sujeitos, saberes e práticas. *In: X ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (1). p. 1-15.

30

Santos, M. (2008). *Espaço e Método*. (5a. Ed). São Paulo: Edusp.

Santos, M. (2009). *A natureza do espaço*. Técnica e tempo; Razão e emoção. São Paulo: Edusp.

Silveira, M. L. (2006). O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. *Geosp*, (19), p. 81-91

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 22/06/2022

Received on June 22th, 2022

Aprovado em: 10/08/2022

Accepted on August 10th, 2022

Publicado em: 30/12/2022

Published on December 30th, 2022

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo: Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review: Double review.

Agência de Fomento: Não tem.

Funding: No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Sathler, M.L & Oliveira, E.R. (2022). A responsabilidade do docente de geografia na formação de educandos críticos e reflexivos: saberes e falas como campo investigativo. *Rev. Mult. Amapá - REMAP*, 2 (2), 17-30

ABNT

Sathler, M.L, Oliveira, E.R., A. R. A responsabilidade do docente de geografia na formação de educandos críticos e reflexivos: saberes e falas como campo investigativo. **Rev. Mult. Amapá - REMAP**, Macapá, v. 2, n.2, 2022.



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.